

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MATHEUS SANTOS GARCIA DE CARVALHO

**A REVOLUÇÃO MEXICANA NA VISÃO ALEGÓRICA DO REALISMO
MARAVILHOSO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA
COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE DE LAURA ESQUIVEL (1989)**

SÃO CRISTÓVÃO

2021

MATHEUS SANTOS GARCIA DE CARVALHO

**A REVOLUÇÃO MEXICANA NA VISÃO ALEGÓRICA DO REALISMO
MARAVILHOSO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA
COMO ÁGUA PARA CHOCOLATE DE LAURA ESQUIVEL (1989)**

Artigo apresentado como avaliação da
atividade de Prática de pesquisa em História,
para obtenção do título de licenciado em
História, orientado pelo professor Dr. Luis
Eduardo Pina Lima.

SÃO CRISTÓVÃO

2021

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	4
1. INTRODUÇÃO	5
2. METODOLOGIA	7
3. O ENCONTRO DE CLIO E CALÍOPE: O ESTADO DA ARTE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA	8
3.1. A Revolução Mexicana e a Historiografia: Uma Revisão Bibliográfica	10
4. A AUTORA E OS ELEMENTOS LITERÁRIOS DA OBRA QUE REMETEM A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO MEXICANA.....	13
4.1. Como água para chocolate: um típico romance do realismo maravilhoso	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

RESUMO

O presente trabalho encontra-se no campo relacional entre Literatura e História e tem o objetivo de analisar a obra *Como Água Para Chocolate* (1989) como uma visão alegórica sobre a revolução mexicana na ótica do realismo maravilhoso. Para alcançar este objetivo, observamos a seguinte metodologia: 1. Estudo da revolução mexicana a partir de Bruit (1988); M. A. Villa (1993) e C. A. S. Barbosa (2010); 2. Compreensão do realismo maravilhoso e suas principais características estéticas a partir de Chiampi (2015) e Llarena (1997); 3. Discussão a respeito do campo de estudo desse trabalho com base em Chartier (2000 e 2009), Sevcenko (2003), Pesavento (2006), Borges (2010) e Mendonça e Alves (2013). Foi possível perceber como a autora recriou o legado da revolução de 1910 em um momento de crise, no qual o país havia sido tomado pelo neoliberalismo, assim, o livro *Como Água Para Chocolate* reconstrói a revolução a partir da alegoria de Tita e sua luta por amor e liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Mexicana. Análise Histórico-Literária. Realismo Maravilhoso.

ABSTRACT

The present work is found in the relational field between Literature and History and aims to analyze the work *Como Água Para Chocolate* (1989) as an allegorical view of the Mexican revolution from the perspective of wonderful realism. To achieve this goal, we observed the following methodology: 1. Study of the Mexican revolution from Bruit (1988); M. A. Villa (1993) and C. A. S. Barbosa (2010); 2. Understanding the wonderful realism and its main aesthetic characteristics from Chiampi (2015) and Llarena (1997); 3. Discussion about the field of study of this work based on Chartier (2000 and 2009), Sevcenko (2003), Pesavento (2006), Borges (2010) and Mendonça and Alves (2013). It was possible to perceive how the author recreated the legacy of the 1910 revolution in a moment of crisis, in which the country had been taken over by neoliberalism, thus, the book *Como Água Para Chocolate* reconstructs the revolution from the allegory of Tita and her struggle for love and freedom.

KEYWORDS: Mexican Revolution. Historical-Literary Analysis. Wonderful Realism.

1. INTRODUÇÃO

É possível afirmar que a revolução mexicana permanece sob as lentes dos historiadores latino-americanos porque o conflito foi a primeira revolução de caráter eminentemente social ocorrida no século XX no continente. Suas reivindicações, conflitos, soluções e entraves, em certa medida foram vistas outras vezes ao longo do século XX nas Américas. No entanto, apesar desse forte caráter de reivindicação camponesa, o motivo que leva os mexicanos às armas é a campanha presidencial de 1910, na qual concorria o latifundiário Francisco Madero (1873-1913). Madero agrega diversos setores da sociedade mexicana em torno da não reeleição de Porfírio Díaz (1830-1915), que governava o país desde de 1876 e já não conseguia resolver as crises que o mesmo enfrentava.

O México porfirista consolida-se a partir de um golpe militar, após sucessivas vitórias contra os franceses e austríacos que controlam o país em meados do século XIX. A chamada república restaurada, formada sob ideias liberais, governada por Díaz foi responsável por expandir a malha ferroviária, modernizar o país e industrializá-lo. Entretanto, tal modernização se deu ao custo do genocídio das populações indígenas que viviam sobre o rico solo no norte do país, além da concentração exponencial de terras nas mãos de algumas poucas famílias, forçando as classes sociais mais baixas ao trabalho em fazendas, em um regime semi-escravista, do qual o *peón* via-se preso ao entorno da fazenda que trabalhava.

Nesse contexto, Madero, exilado nos Estados Unidos, conclama o povo mexicano a revolução. Diversos grupos unem-se a causa, dentre eles os liderados por Emiliano Zapata (1879-1919), que possuíam como principal reivindicação a reforma agrária ampla, que pusesse fim ao latifúndio. Em 1911, Díaz renuncia ao cargo e deixa o país com Francisco Madero assumindo a presidência. O mandato interino de Madero não se concretiza por muito tempo, em 1913, um golpe contrarrevolucionário liderado por Victoriano Huerta (1850-1916) assassina o presidente e seu vice pondo fim ao que a historiografia chama de “primeira fase da revolução”. Os zapatistas juntam-se aos exércitos liderados por Pancho Villa (1878-1923), Álvaro Obregón (1880-1928) e Venustiano Carranza (1859-1920) no Norte para derrotar o golpe de Huerta. Após a vitória contra Huerta, em 1915, a revolução encontrava-se dividida entre constitucionalistas, que abrigava os exércitos de Carranza e de Obregón em oposição aos exércitos de Villa e Zapata. O principal motivo dessa cisão era a questão agrária, fundamental

para Villistas e Zapatistas e secundária para os constitucionalistas, que visavam, naquele momento, pacificar novamente o país e convocar uma constituinte.

A constituição de 1917 engloba algumas das reivindicações sociais da revolução, uma estratégia de Carranza para enfraquecer Zapatistas e Villistas. Zapata e Villa são assassinados em 1919 e 1923, respectivamente e Álvaro Obregón é eleito o primeiro presidente sob os auspícios de uma nova constituição, em 1920. Nesse cenário, com seus principais líderes populares assassinados e uma nova constituição em vigor, o México caminha, ao longo das décadas de 1920 e 1930 em uma direção longe da idealizada. A reforma agrária virá somente no final dos anos 1930, com Lázaro Cárdenas (1895-1970) na presidência, mas, tampouco o país se verá totalmente pacificado. Contudo, a reforma educacional proposta por José Vasconcelos (1882-1959) promoverá o muralismo e nomes como Diego Rivera (1886-1957) José Orozco (1883-1949) e David Alfaro Siqueiros (1896-1974) serão alçados a posição de renome mundial na História da Arte. As obras muralistas constantemente tematizam a revolução, em geral com uma visão positiva, diferente da literatura, onde o referido fato histórico normalmente é visto com um tom um pouco mais pessimista.

O realismo maravilhoso¹ pode ser caracterizado como um movimento literário bastante fecundo na América Latina a partir da década de 1960, com raízes no surrealismo e na literatura fantástica europeia. De maneira mais ampla, esse movimento é responsável por agregar componentes literários já utilizados e transformá-los numa síntese do continente. Dentre esses componentes característicos podemos citar o regionalismo e os temas históricos, que juntos ao mundo do extraordinário produzem versões de eventos históricos do continente como, *Pedro Páramo* (1955) de Juan Rulfo que retrata a revolução mexicana, *A Casa dos Espíritos* (1982) de Isabel Allende, sobre a ditadura chilena; *O Reino deste Mundo* (1957) de Alejo Carpentier, abordando a revolução haitiana; e *Cem Anos de Solidão* (1967) de Gabriel García Márquez que retrata no geral a história do continente, em suas relações com o imperialismo estadunidense, o caudilhismo e o sincretismo religioso.

Laura Esquivel (1950-) é uma escritora e roteirista mexicana, vinculada ao movimento do realismo maravilhoso, principalmente por conta de *Como Água para Chocolate* (1989), seu livro e roteiro de maior sucesso. Laura é filha do México moderno, nascida numa época em que

¹ Utilizaremos neste estudo, a definição de Irlemar Chiami (2015), cujas observações provocam uma substituição do termo “realismo mágico”, popularizado pela crítica literária hispano-americana, em detrimento de “realismo maravilhoso”, cujas aplicações dialogam de maneira mais ampla e definem mais precisamente a amplitude das características desse movimento. (VER: CHIAMPI, 2015).

a revolução já havia deixado no passado sua fase mais violenta e o país conviveu com relativa estabilidade. Seu livro, escrito no final dos anos 1980, busca na revolução um passado do qual o México já se via distante, já que nessa década o Partido Revolucionário Institucional (PRI), alinhado a vertentes direitistas, passa a ser contestado por diversos setores sociais. Havia um olhar muito negativo quanto aos resultados da revolução de 1910.

Como *Água Para Chocolate* não é inusitado em termos estéticos, nem temáticos, o realismo maravilhoso já não é mais uma novidade literária, nem vive seu auge de popularidade como nas décadas anteriores, e a revolução já havia sido tema de outros inúmeros trabalhos como *Los de Abajo* (1915) e *Pedro Páramo* (1955). No entanto, ao unir tais ingredientes a uma história de amor e superação, Esquivel produz um texto rico, que fala historicamente tanto com o passado quanto com o presente.

Em síntese, o romance conta a história de Tita de La Garza, a caçula de três irmãs, filha de Elena, uma rígida viúva. Segundo certa tradição, Tita, por ser a caçula, não poderia se casar e deixar o lar materno, porém ela se apaixona por Pedro, o noivo de sua irmã Isaura. Esse enredo, recheado por sabores do México, se desenrola à medida que a revolução Mexicana acontece, com algumas menções aos exércitos e a Pancho Villa, por exemplo, uma vez que a fazenda da família estava localizada no norte do país, próximo a fronteira com os Estados Unidos.

A cozinha da fazenda, onde Tita nasce, revela-se para o leitor como uma síntese do contexto da revolução, tornando a obra analisada como um típico exemplar estético do realismo maravilhoso. Diante do exposto, lança-se a seguinte questão de pesquisa: Como a autora Laura Esquivel retrata a revolução mexicana através da obra como *água para chocolate* (1989)?

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a obra *Como Água Para Chocolate* (1989) como uma visão alegórica sobre a revolução mexicana na ótica do realismo maravilhoso. Para alcançar esse objetivo, seguiremos a seguinte metodologia: Inicialmente explico o que foi a revolução mexicana, seus antecedentes e impactos no México pós-revolução com o objetivo de introduzir a temática histórica que dá aporte ao presente estudo, com base na seguinte bibliografia: As revoluções na América Latina, H. Bruit (1988); A revolução Mexicana (1910-

1940), M. A. Villa (1993); Revolução Mexicana, C. A. S. Barbosa (2010). No segundo momento, exponho o que é o realismo maravilhoso e suas principais características, a fim de delimitar o escopo da análise empreendida, valendo-se da seguinte bibliografia: *Un balance crítico: la polémica del realismo mágico y lo real maravilloso americano (1955-1993)*, A. Llarena (1997) e *O realismo maravilhoso*, Chiampi (2015).

Em seguida abordo, de maneira breve, sobre a biografia da autora e seu romance, com o objetivo de compreender as análises elaboradas a partir do livro e sua relação com a temática histórica. Num quarto momento, realizo uma revisão historiográfica a partir de reflexões em torno da relação Literatura e História, tendo como referencial teórico as seguintes obras: *Literatura e História e A história ou a leitura do tempo*, Chartier (2000 e 2009); *Literatura como missão: tensões sociais e criações culturais na primeira república*, Sevcenko (2003); *História & Literatura: Uma velha-nova história*, Pesavento (2006); *História e Literatura: Algumas Considerações*, Borges (2010) e *Os desafios teóricos da história e a literatura*, Mendonça e Alves (2013). Posteriormente, analiso a obra à luz da revisão elaborada anteriormente, dando enfoque na temática histórica presente no livro e também em seus aspectos estéticos relacionados ao realismo maravilhoso. Por fim, redijo este relatório de pesquisa em forma de artigo científico.

3. O ENCONTRO DE CLIO E CALÍOPE: O ESTADO DA ARTE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Segundo Mendonça e Alves (2013), pode-se dizer, com alguma precisão, que Aristóteles (385-322 AEC) foi um dos primeiros pensadores a levantar a problemática da relação entre História e Literatura. Em poética (335 - 323 AEC), o filósofo grego define as duas áreas como antagônicas no trato com a realidade. Essa distinção permaneceu por muito tempo intacta, ressurgindo no século XIX, a partir da tentativa positivista de formular leis para a História. Desse modo, reformula-se o próprio entendimento do que seria uma fonte histórica e, mais uma vez, aprofunda-se o paradoxo entre realidade e ficção.

Sandra Pesavento (2006), em consonância com o estudo supracitado, demonstra que esse quadro geral permaneceu imóvel até pelo menos as primeiras décadas do século XX, sofrendo alterações substanciais a partir da proposta de ampliação temática da Nova História

Francesa (década de 1960), assim como da História Cultural (década de 1980). Segundo esta autora, torna-se necessário dita ampliação temática, introduzindo por exemplo, estudos como o do imaginário, que abrem caminho para a aproximação entre as referidas áreas.

Ainda nesse aspecto, apresenta-se um problema epistemológico extremamente relevante: A compreensão da narrativa histórica enquanto um tipo de escrita que produz ficção. Essa inquietação passou a catalisar reflexões teóricas importantes, como nos casos de Paul Ricoeur (1913-2005), Hayden White (1928-2018) e Roger Chartier (1945-). Nesse sentido, White apresenta-se como um dos culturalistas mais radicais, ao propor um novo olhar sobre a ideia de narrativa histórica:

[...] tem havido uma relutância em considerar as narrativas históricas como o que elas mais manifestamente são: ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e **cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura que na ciência.** (WHITE *apud in* MENDONÇA e ALVES, 2013, p. 125, grifo nosso)

Apesar da afirmação categórica de White, para Carlos Mendonça e Gabriela Alves (2013), os esforços dos historiadores ligados à História Cultural para promover uma aproximação teórica com a literatura, não buscam uma substituição de uma pela outra, mas, visam colocar a literatura enquanto “leitora privilegiada” dos acontecimentos históricos.

Nesse sentido, Mendonça, Alves e Pesavento (2013; 2006) dialogam diretamente com os apontamentos de Sevcenko (2003) e Borges (2010), no que se referem às possibilidades de uso da literatura. Para Borges (2010), no universo dos bens culturais, a literatura é testemunha das aspirações, sonhos, frustrações e inquietações de uma época. Como complementa Sevcenko: “A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, das possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos” (SEVCENKO, 2003, p. 30).

Aprofundando a referida problemática, levantam-se questões metodológicas que sobressaem as pesquisas publicadas nos últimos anos, como se pode observar nas seguintes referências: História e Literatura: Algumas considerações, de Valdeci Resende Borges (2010) e Os desafios teóricos da História e da Literatura, de Carlos Mendonça e Gabriela Alves (2013).

Para Borges (2010), o historiador, ao entrar em contato com um material de caráter estético como a literatura, deve ter em mente a reflexão a respeito dos aspectos que circundam a produção dessa obra, sobretudo:

[...] abarcando a figura do produtor, o lugar social de onde se produz, como se produz, as intenções do produtor, as relações de poder que cercam e atravessam a produção e o produto. Se todo documento é monumento, cabe ao historiador desvelar como foi construído, a linguagem utilizada, a finalidade da edificação e as suas intencionalidades.” (BORGES, 2010, p. 95)

Para além dessas preocupações relacionadas ao momento em que a obra foi produzida, o autor retoma as observações de Cândido (1985 *apud in* BORGES, 2010) indicando ao historiador que a abordagem do texto literário deve atravessar tanto seu caráter extrínseco, no que se refere a essas características sociais relativas ao tempo e espaço da produção, bem como os intrínsecos, tais como: temática, características estéticas, e tramas.

Chartier (2000) traz à baila um terceiro aspecto, que costuma passar despercebido quando se trata de literatura, mas que possui tanta importância quanto os já citados anteriormente, qual seja: a relação texto e leitor. Nesse sentido, o referido autor afirma: “Devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito.” (CHARTIER, 2000, p. 197).

Diante do exposto, compreende-se que a utilização da literatura como fonte atravessa diversas camadas de análise, sobre as quais o pesquisador deve estar atento. Faz-se necessário compreender para além dos elementos comuns ao ofício do Historiador, a absorção e o conhecimento dos elementos estéticos que compõe o texto e envolvem a temática proposta na obra.

3.1. A Revolução Mexicana e a Historiografia: Uma Revisão Bibliográfica

Hector Bruit, publicou em 1988, “As revoluções na América Latina”, um livro de síntese cujo tema principal é apresentar alguns processos revolucionários ocorridos no século XX na América. O referido autor, retoma a distinção clássica sobre o referido tema, classificando-o: revoluções burguesas, proletárias ou camponesas. Em sua análise, a América foi o solo das revoluções camponesas, na qual se alinhou tanto o fraco desenvolvimento capitalista quanto a situação de dependência ao imperialismo estadunidense. Nesse sentido, para Bruit (1988), os esquemas que buscam definir o conceito de revolução por si só, pouco explicam sobre os

processos ocorridos no México (1910), na Bolívia (1952), em Cuba (1959) e na Nicarágua (1979).

No referido texto, o autor supracitado busca caracterizar o México Porfirista e a questão da sucessão presidencial que levaria ao estopim do conflito armado em 1910. Porém, a ala camponesa da revolução será o foco desse estudo. Desvendando, sobretudo, algumas generalizações equivocadas a respeito dos zapatistas, assim afirma dito autor:

Insistentemente se atribui ao movimento zapatista um caráter localista, conservador e até reacionário, por reivindicar um direito comunitário pré-hispânico. Entretanto foi ele que levantou como bandeira insurrecional uma questão nacional, que unia todos os deserdados do país, os milhões de camponeses expropriados e humilhados durante quatrocentos anos. **O zapatismo teve o mérito de desencadear a revolução entre as massas camponesas que até aquele momento eram apenas iludidas pelo discurso emocionado dos maderistas.** (BRUIT, 1988, p. 23, grifo nosso)

Como aponta o autor, ao transformar a revolução até então burguesa em uma revolução social, de forte reivindicação popular contra a burguesia e a exploração, o zapatismo demarca os rumos do conflito após a morte de Francisco Madero, em 1913. No entanto, a divisão do movimento revolucionário fará com que os constitucionalistas sufoquem politicamente os exércitos camponeses de Zapata e Villa, principalmente por incorporar parte do programa de reforma agrária a constituição de 1917. Dessa maneira, a burguesia mexicana:

[...] nunca pretendeu levar a cabo uma revolução de fato, que transformasse radicalmente a sociedade. Seu projeto era o mesmo de antes de 1910. Porém no curso das lutas contra as ditaduras de Díaz e Huerta ela descobriu que germinava uma outra revolução, capaz de impedir o projeto de desenvolvimento capitalista, e ao mesmo tempo compreendeu que sem essa outra revolução o projeto capitalista era inviável, porque sem trabalhadores não há capital. (BRUIT, 1988, p. 41)

O texto de Bruit (1988) trabalha a tese de uma derrota revolucionária, tendo em vista o assassinato de seus principais líderes (populares ou burgueses): Francisco Madero em 1913, Emiliano Zapata em 1919, Pancho Villa em 1923 e Álvaro Obregón em 1928. Assim, em um processo que se retroalimenta, a revolução é interrompida pelo projeto burguês, que volta a controlar o país.

O estudo publicado em 1993, por Marco Antônio Vila, “A revolução Mexicana (1910-1940)” busca analisar, para além do contexto revolucionário restrito às décadas de 1910 e 1920,

a ampliação do processo de reforma agrária, levado a cabo por Lázaro Cárdenas (1895-1970)² a partir de 1934. Dessa maneira, Villa (1993) busca trabalhar a tese de que o processo revolucionário ocorrido no país só pode ser compreendido de maneira ampla, acrescendo-se aos apontamentos de Bruit (1988), como a cisão entre dois projetos revolucionários.

Soma-se a análise do autor, apontamentos para o caráter “caudilhesco” dos líderes que ascenderam ao poder ao longo das décadas de 1920 e 1930, sobretudo nas figuras de Álvaro Obregón (1880-1928) e Plutarco Elías Calles (1877-1945), que manejaram, sob seus interesses, os sindicatos e movimentos populares urbanos enquanto estiveram no comando do governo mexicano.

O estudo recente mais completo a respeito da Revolução Mexicana, publicado no Brasil, é o do professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa (2010), que integra a coleção “As revoluções do século XX”, da Editora Unesp. Inicialmente, o referido autor mapeia a história política do país desde os auspícios da independência até as guerras que levaram os militares e liberais liderados por Porfirio Díaz (1830-1915) ao poder. A respeito dos líderes populares do conflito, Barbosa (2010) dialoga com os apontamentos de Bruit (1988) e Villa (1993), ao afirmar que o grupo liderado por Zapata é fundamentalmente parte do caráter popular e camponês da revolução.

Contudo, no entender de Barbosa (2010), o México moderno, moldado sob forte reivindicação popular, especialmente agrária, só se torna possível devido a ruptura provocada pela revolução no início do século, assim:

Num balanço dos desdobramentos da revolução, o México foi um país que conservou um sistema civil de governo ao longo de quase todo o século XX, em que pese seu caráter autoritário, o que não ocorreu nos países da América do Sul, por exemplo. A estabilidade do seu sistema político constitui um dos seus principais resultados, só possível devido ao movimento genuinamente popular e à eliminação política da oligarquia e do antigo exército. (BARBOSA, 2010, p. 127)

Vale ressaltar que, a partir da segunda metade do século XX, o México será um país cujo passado porfirista já estará muito mais nos livros de História do que na memória recente de seu povo. Segundo Barbosa (2010), o legado revolucionário será alvo de disputas, na própria

² Segundo Villa (1993), durante o governo Cárdenas são distribuídos mais de 17,8 milhões de hectares de terras. Número superior ao dobro no período de 1915-1934. Ver. (Villa, 1993, p. 65).

atuação do Partido Revolucionário Institucional (PRI) e no surgimento de novos atores sociais como o EZLN³.

A essas disputas pela memória do movimento de 1910, Barbosa (2010) faz alguns apontamentos a respeito da reforma educacional promovida por José Vasconcelos (1882-1959). Em seu entendimento, para além da reforma agrária que reestruturou o país, os movimentos artísticos que se sobressaem após a revolução são fundamentais para a compreensão do México moderno. Desta feita, o muralismo e o chamado romance da revolução, constantemente tematizam a história dos revolucionários, a partir de olhares distintos. Os principais murais de Rivera, Orozco e Siqueiros trazem consigo uma exaltação ao movimento popular e aos seus líderes, todavia, o oposto domina a literatura: “A visão dos escritores com relação à Revolução Mexicana foi marcada pelo pessimismo com que interpretavam os acontecimentos. Consideravam bárbara a atuação dos camponeses e manifestavam uma profunda decepção para com os principais caudilhos revolucionários” (BARBOSA, 2010, p. 116).

4. A AUTORA E OS ELEMENTOS LITERÁRIOS DA OBRA QUE REMETEM A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO MEXICANA

Laura Esquivel (1950-), nascida na Cidade do México, filha de Josefa Valdés e Julio Cesar Esquivel, é uma escritora e roteirista com reconhecimento internacional. Seu primeiro livro publicado, *Como Água Para Chocolate* (1989), se tornou um *best-seller* mundialmente reconhecido, com tradução para mais de 30 idiomas, tendo alcançado prêmios literários ao redor do globo. Poucos anos mais tarde, em 1993, a história contada por Esquivel em doze receitas típicas do México, ganhou as telas do cinema, arrebatando mais alguns prêmios como roteirista.

No início de sua carreira, Esquivel foi professora infantil, atividade que a levou a escrever peças de teatro e, logo em seguida, a alçou a dramaturgia infantil e a *Escuela Normal de Maestros* para estudar cinema. Nesse período, nos anos 70, conheceu o cineasta Alfonso Arau (1932-), com quem foi casada por mais de duas décadas. Além da trajetória ligada ao

³ O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é um grupo revolucionário, estabelecido em Chiapas, sul do México. Formado a partir de uma dissidência nas Forças de Libertação Nacional (FLN), grupo atuante no país desde 1969, o EZLN surge em 1994, numa insurreição contra a anulação do artigo 27 da constituição mexicana, àquela que se refere a reforma agrária e a propriedade pública das terras mexicanas. O EZLN constitui-se, desde então, como um dos principais grupos revolucionários na América Latina. (Ver: ELIA, 2017 e CEDILLO-CEDILLO, 2012).

cinema, após o sucesso estrondoso de seu primeiro livro, Esquivel continuou publicando romances, dentre os quais se destacam: *A lei do amor* (1995), *Estrellita marinera* (1999), *Malinche* (2006) e o *Diário de Tita* (2016), este último, uma continuação da história de *Como Água para Chocolate*.

Para além do mundo da literatura e da cinematografia, Laura Esquivel foi também atuante na política mexicana, integrando o quadro do Movimento de Regeneração Nacional (MORENA), sendo inclusive eleita deputada federal na candidatura de 2015. Com a vitória de Manuel López Obrador a presidência do México, recebeu convite para dirigir a Secretaria de Cultura do México, porém recusou.

4.1. Como água para chocolate: um típico romance do realismo maravilhoso

Como *Água Para Chocolate* (1989), à primeira vista, não se trata de um clássico literário, cujas questões falam de uma maneira geral às inquietações humanas em qualquer tempo. Pode-se argumentar o contrário, entendendo que seu pano de fundo histórico compete com um clássico Latino-Americano – *Pedro Páramo* (1955) – precursor do movimento mágico-realista, da qual a obra de Esquivel, inclusive se inspira. Dessa forma, se nem seu tema, como sua abordagem são novos a História da Literatura, pergunta-se: o que torna este, um romance tão importante?

Haja vista que não nos cabe aqui discutir se o referido romance é ou não um clássico literário, muito menos compará-lo com outras obras. Contudo, enquanto característica estética, Esquivel conduz a história de uma forma muito peculiar: quem narra a história é a sobrinha neta da protagonista, a partir de um livro de receitas encontrado algumas décadas mais tarde.

Assim, em doze receitas, Esquivel escreve a história de Tita de La Garza e sua luta para superar a tradição de que, como filha mais nova, não poderia nunca se casar e deixar o rancho da família, ficaria sempre atada à sua mãe. Tita é filha de mamãe Elena, uma personagem rígida, viúva, cuja própria história é marcada por diversos segredos do passado. Além de Elena e Tita, residem no rancho as duas outras irmãs mais velhas, Rosaura e Gertrudis, Chench e Nacha são as empregadas, de origem indígena que servem à família.

Irlemar Chiampi (2015) estudou a crítica hispano-americana em torno do movimento literário mais fecundo do continente no século XX. Em sua análise há, antes de qualquer

compreensão estética e histórica do movimento, uma necessidade de nomeá-lo de forma mais precisa. Dessa maneira, a referida autora descarta a utilização do termo “realismo mágico”, o qual considera insuficiente para a compreensão das características presentes no movimento. “Mágico” refere-se a um conhecimento que exerce domínio dos seres e da natureza a partir de fórmulas. Ademais o termo, por si só, poderia estar inserido dentro da própria ideia do “maravilhoso”. Este, por sua vez, parte de uma definição lexical que parece definir as atitudes dos leitores diante das obras latino-americanas desse movimento, assim:

Maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém a maravilha, do latim *mirabilia*, ou seja, “coisas admiráveis”. [...] Em *mirabilia* está presente o “mirar”: olhar com intensidade, ver com atenção ou ainda, ver através. O verbo *mirare* se encontra também na etimologia de milagre – portentoso contra a ordem natural – e de miragem – efeito óptico, engano dos sentidos. [...] O maravilhoso recobre, nesta acepção, uma diferença não qualitativa, mas quantitativa com o humano; **é um grau exagerado ou inabitual do humano, uma dimensão de beleza, de força ou riqueza, em suma, de perfeição, que pode ser *mirada* pelos homens.** (CHIAMPI, 2015, p. 48, grifo nosso)

O realismo maravilhoso então, como conceituado por Chiampi (2015), apresenta uma atitude que sobressai ao habitual humano, refere-se ao extraordinário. Assim, Llarena (1997), partindo dos pressupostos dessa discussão, acrescenta que esse estilo literário versará sobre algumas características comuns que dão forma e sustentação a esse convívio do insólito com o cotidiano. Destarte, faz-se importante notar que, quer nos romances clássicos de García Márquez, Carpentier e Rulfo quer nos textos posteriores a essa geração, haverá sempre uma atitude obcecada pela interpretação do “ser americano”⁴, os componentes espaciais são também essenciais, como, por exemplo, a Macondo de cem anos de solidão ou a Comala de Pedro Páramo, locais que simbolizam essa ligação entre o maravilhoso e o real, de forma que um não existe sem o outro.

Assim, ao observarmos *Como Água Para Chocolate* (1989), é possível compreender que o rancho da família de La Garza, em especial sua cozinha, define-se como esse ponto de coesão supracitado. Nessa História, o realismo maravilhoso percebido logo nas primeiras páginas, quando é lembrado o dia do nascimento de Tita: “Contava Nacha que Tita foi literalmente empurrada para este mundo por uma torrente impressionante de lágrimas transbordando sobre

⁴ Essa necessidade desagua em questões muito mais densas, como a intenção de promover a partir da literatura uma descolonização da cultura, compreendendo o “ser latino-americano” e criar um projeto de superação da condição de marginalidade histórica, imposta ao continente. (Ver: CHIAMPI, 2015, p. 112).

a mesa e o chão da cozinha” (ESQUIVEL, 2015, p. 12). Outros momentos, ao longo do texto, farão do extraordinário um componente sempre presente, de forma que a história se desenvolve também a partir desse elemento, como por exemplo, em um momento de solidão a colcha de Tita é capaz de cobrir o rancho inteiro:

Mas primeiro era preciso acalmar o frio congelante que começava paralisá-la. Levantou-se, foi correndo buscar a enorme colcha que havia tecido noite após noite de solidão e insônia e jogou-a por cima dos ombros. Com ela cobriu os três hectares que compreendia o rancho em sua totalidade. Precisava de muito fósforo no corpo. (ESQUIVEL, 2015, p. 205)

Essas e outras passagens não deixam dúvidas sobre a presença de elementos estéticos típicos do realismo maravilhoso. Contudo, há ainda de se discutir aquele que contempla o principal objetivo desta pesquisa. Nesse sentido, a revolução mexicana é trabalhada por Esquivel ao longo de toda a obra, ora em referências mais diretas a localidades, datas e pessoas, ora de maneira mais indireta.

A primeira referência a guerra civil acontece no momento em que se iniciam os preparativos para a festa de casamento entre Pedro e Rosaura: “Realmente tiveram sorte de ter conseguido seda francesa nessa época de instabilidade política. A revolução não permitia que um [sic] pessoa viajasse de maneira segura pelo país” (ESQUIVEL, 2015, p. 34). Essa primeira menção aproxima o leitor a um ambiente de guerra, que costuma fugir os estudos mais generalistas, um espaço cerceado e perigoso, no qual havia escassez de produtos.

Devido à localização do rancho, ao norte do país, quase na fronteira com os Estados Unidos, todas as menções encontram-se direcionadas a Pancho Villa e seus exércitos ou aos federais. Gertrudis, a irmã de Tita, chega inclusive a fugir com um grupo de villistas:

Começou a suar e a imaginar o mesmo que sentiria se estivesse sentada no lombo de um cavalo, abraçada por um soldado villista, um desses que tinha visto uma semana antes entrando na praça da cidade, cheirando a suor, terra, a amanheceres de perigo e incerteza, a vida e a morte. (ESQUIVEL, 2015, p. 49).

A forma como Gertrudis se descobre atraída pela imagem romântica, e até sexual dos revolucionários, será posta em contraste com lendas e visões a respeito de Pancho Villa, que sobressaem à obra de Esquivel, responsáveis por transformar o herói revolucionário em bandido sanguinário.

Com relação a essas histórias, Barbosa (2010) discute que tais versões passam a circular a respeito de Villa, principalmente através de dois textos: *Memórias de Pancho Villa*, de Guzmán e *Francisco Villa ante la historia*, de Celia Herrera. O texto de Guzmán é responsável por trabalhar a imagem do líder nortista enquanto uma vítima do sistema social mexicano, o oposto do que faz Celia Herrera, que narra um personagem cruel e sanguinário, ladrão de gados em Chihuahua.

Os cânticos revolucionários e as reportagens de Jhon Reed, publicadas posteriormente em México Insurgente (1914), retratam Villa como um verdadeiro herói popular da revolução. Assim sendo, Esquivel trabalha com essas múltiplas interpretações e versões criadas em torno de Pancho Villa, de forma a marcar uma postura favorável ao movimento revolucionário. Como fica evidente em dois trechos: primeiro quando Tita mente à sua mãe, contando-lhe que Gertrudis, ao invés de fugir com os revolucionários, na verdade teria sido raptada pelos exércitos federais: “Decidiu-se por dar uma versão na qual os federais, **de quem Tita não gostava**, tinham entrado em tropel, tinham posto fogo nos banheiros e tinham raptado Gertrudis.” (ESQUIVEL, 2015, p. 55, grifo nosso), no trecho, fica ainda evidente que Tita possuía um olhar favorável aos revolucionários. Em um segundo momento, essas referidas lendas sobre Pancho Villa são inseridas na história:

[...] Chenchá tentava assustá-la com histórias de enforcados, fuzilados, desmembrados, degolados e inclusive sacrificados aos quais se arrancava o coração em pleno campo de batalha! Em outro momento **teria gostado de se entregar ao sortilégio da graciosa narrativa de Chenchá e terminar por crer em suas mentiras**, inclusive a de que Pancho Villa levara os corações sangrando de seus inimigos para que os comesse, mas não agora (ESQUIVEL, 2015, p. 64, grifo nosso).

Nesse trecho, inclusive, é possível observar que Chenchá fala sobre sacrifícios dos quais se arrancava os corações dos derrotados em campo de batalha, por certo uma hipérbole usada para comparar a imagem de Pancho Villa a de um sacerdote Asteca. Toda a caracterização dessas lendas é negada por Tita, como evidenciado no trecho grifado da citação, visto que, muito embora fossem histórias animadoras, sabia que não encontravam respaldo na realidade.

Mamãe Elena, por sua figura de matriarca conservadora, tinha uma concepção negativa a respeito dos exércitos revolucionários e sua causa. No entanto, a própria percepção da personagem é alterada no momento em que alguns soldados chegam ao rancho e ela os intimida com uma espingarda. Doña Elena é surpreendida por uma atitude de respeito vinda dos homens,

o que desmonta sua visão de que eram “homens desalmados”. Apesar disso, Mamãe Elena nunca mais tocará no assunto.

Esquivel utiliza da própria guerra para marcar a cronologia de sua história, o que, apesar de impreciso em um primeiro momento, parece demonstrar a real intenção da autora, ao construir a personagem de Tita como uma espécie de alegoria da revolução mexicana. Sua história de amor com Pedro se inicia em 1910, ano que eclode o chamado de Francisco Madero à luta contra Porfírio Díaz. Seu romance atravessará diversas fases, sempre relacionadas às da revolução.

Apesar da cronologia imprecisa, é possível inferir sobre as pistas deixadas ao longo da história, no que se refere a Tita: “Os vinte e dois anos que haviam transcorrido desde o casamento de Pedro com Rosaura pareciam não tê-la roçado sequer. Aos trinta e nove anos ainda continuava cheia de frescor e vistosa como um pepino recém-cortado.” (ESQUIVEL, 2015, p. 197).

Tita e Pedro só viriam a ficar juntos publicamente por volta de 1932 ou 1933, fase na qual a revolução mexicana já havia deixado para trás seu período armado, como indica o seguinte trecho: “O chão estremecia, a luz bruxeleava. Pedro pensou por um momento que com estrondosos tiros de canhão **a revolução havia recomeçado, porém descartou essa possibilidade pois no país reinava muita calma.**” (ESQUIVEL, 2015, p. 194, grifo nosso).

Assim como a revolução, na qual camponeses, indígenas e operários levam a cabo uma das mais importantes revoltas populares de todo o século XX, em busca de terra, comida e liberdade, Tita realiza a sua própria luta para viver aquilo que acredita, decidida a mudar uma tradição pré-hispânica e viver a liberdade de um amor proibido.

Sua história caminha junto com a de Zapata, Villa e dos outros heróis populares. Seu diário, deixado às futuras gerações de sua família, é lido por sua sobrinha-neta como se fosse um aviso indiscreto ao povo mexicano, um convite para um retorno a 1910, no momento em que o país parecia ter chegado ao ponto mais distante da nação sonhada pelos revolucionários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Como Água Para Chocolate* (1989), nos deparamos com uma história de amor persistente ao tempo, temperada aos sabores da cozinha mexicana e servida com a estética que melhor soube escrever o continente americano, sobretudo em sua parte hispânica. Laura Esquivel, uma filha do México moderno, nascida em 1950, cresceu no país da reforma agrária, uma vitória revolucionária, mas que viu, assim como em outros países latino-americanos, o neoliberalismo ganhar força política em um contexto quase que global, marcado pelo desmoronamento da União Soviética ainda nos anos 1980. O referido romance retrata a partir do realismo maravilhoso, o movimento popular mais importante do México e, ao contrário de outros autores, o faz à moda dos antigos muralistas, apresentando uma revolução necessária, realizada por homens e mulheres repletos de dignidade.

Assim sendo, seguindo os parâmetros metodológicos brevemente esboçados nesta pesquisa, devemos perscrutamos o momento histórico vivido no México, a partir do contexto em que a autora escreve a referida obra. Seu corte temporal, como indicado anteriormente, abarca um contexto muito amplo, partindo da eclosão do movimento revolucionário até a vitória neoliberalismo na década de 1980. Ao tematizar de forma “maravilhosa” esse passado, Esquivel escreve para cada um de nós, dentro da mais original contribuição estética da literatura latino-americana, reafirmando a necessidade constante que temos de nos reinventar, sem, contudo, esquecer quem, de fato somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História - Journal of Theory of History**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, jun. 2010. Disponível em < <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>>. Acesso em 01 de dezembro de 2021.

BRUIT, Héctor H. **A revolução mexicana**. In: Revoluções na América Latina: O que são as revoluções?. São Paulo: Atual, 1988.

CEDILLO-CEDILLO, Adela. Análisis de la fundación del EZLN en Chiapas desde la perspectiva de la acción colectiva insurgente. **LiminaR**, v. 10, n. 2, p. 15-34, 2012.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. Literatura e História. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, dec. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2000000100197&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 de nov. de 2021.

CHIAMPI, Irlemar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ELI, A. **The EZLN and Radical Movements in the Era of Neoliberal Globalization**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@chelsealley/the-ezln-and-radical-movements-in-the-era-of-neoliberal-globalization-4ccba20abb5a>. Acesso em: 13 dez. 2021.

ESQUIVEL, Laura. **Como Água para Chocolate**. Tradução de Olga Savary. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2015.

LLARENA, Alicia. Un balance crítico: la polémica del realismo mágico y lo real maravilloso americano (1955-1993). **Anales de Literatura Hispanoamericana**, v. 26, n. 1, p. 107, 1 jan. 1997. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/view/ALHI9797120107A>. Acesso em 27 de out. de 2020.

MENDONÇA, Carlos V. C. de; ALVES, Gabriela S. Os desafios teóricos da história e a literatura. **Contraponto**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 119-129, ago. 2013. Disponível em < <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/4259>>. Acesso em 01 de dez. de 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: Uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Nuevos Mundos**. Debates, 28 de janeiro de 2006. Disponível em <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em 13 de out. de 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criações culturais na primeira república**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLA, Marco Antônio. **A revolução Mexicana (1910-1940)**. São Paulo: Editora Ática, 1993.